EXPEDIENTE.

—Só depois de publicado o numero anterior da Revista, é que nos constou, que o Sr. Antonio Feliciano de Castilho, na mesma data em que se dignou escrever-nos, se dirigiu a varios dos antigos collaboradores deste jornal, pedindo-lhes, com empenho, que nos prestassem os auxilios, que mais de uma vez temos pedido a quantos se interessam pela gloria desta nossa terra.

A delicadeza, com que o Sr. Castilho juntou este favor de tanta valia a muitas outras, é para nós de subido apreço.

Aqui damos ao Sr. Castilho, os mais sinceros agradecimentos pela muita distincção com que nos honrou.

Não podemos, nem devemos ambicionar a gloria litteraria, em a nossa humilde posição contentamo-nos com a vaidade de fazermos todas as diligencias para tributar ao genio a homenagem e a gratidão, que lhe é devida.

Esperamos em Deus, que deste proposito não havemos de arredar-nos.

— Recebemos uma carta de Lucões do Sr. José Maria de Gouvêa Pinto, e outra de Pedrogão, do Padre Joaquim Gomes Duque. A segunda na parte principal, tracta como a primeira do importantissimo assumpto da — Instrucção Publica. — É ponto grave para o qual por em quanto não estamos habilitados.—Folgamos em obter alvitres, que iremos publicando como provas de que em todos se vão manifestando o desejo de olhar, para esta e para outras fontes da prosperidade publica.

— Ainda por falta de espaço, não podemos publicar hoje a carta do Sr. Bastos Teixeira.

— Recebemos varias communicações relativas a alguns inventos industriaes, que serão publicadas com muito gosto.

— A abundancia de materias nos obrigou a retirar entre outras, um artigo sôbre o Theatro Portuguez, irá em o numero seguinte.

Publicações recebidas. — Jornal da Sociedade Catholica numero 24. — Collecção de contas e mais documentos relativos ao monte-pio das secretarias de estado, desde o seu estabelecimento até ao presente. — Gazeta Medica do Porto numero 146.

CONHECIMENTOS UTEIS.

PHAROES.

A linha de pharoes, que deve existir na costa de Portugal, é de muita importancia para o commercio, e para a navegação. Neste ponto talvez seja mais urgente melhorar os que temos, do que augmentar-lhes o numero.

Assim que soubemos que o nosso antigo condiscipulo o Sr. Joaquim Henriques Fradesso da Silveira havia sido encarregado de inspecionar os pharoes do reino, logo procurámos obter para a Revista o resultado do exame a que ía proceder.

Soubemos ha pouco, que se continuavam os trabalhos para um pharol especular ou de systema antigo para a Torre de S. Julião, este facto fez augmentar o empenho que tinhamos de obter a opinião do Sr. Silveira a este respeito.

Parecia-nos impossivel que o illustre professor não houvesse feito conhecer os inconvenientes de um systema, que ambos aprendemos ao mesmo tempo a reprovar em virtude dos principios da sciencia. Obtivemos o seu relatorio, que hoje temos a honra de publicar, e por elle nos convencemos ainda mais da opinião em que estavamos.

A' vista deste documento não sabemos para que se está construindo em Portugal um pharol especular, quando todas as nações estão rejeitando este systema.

O Sr. Fradesso fundamentou perfeitamente a proposta que faz de um pharol lenticular para a Torre de S. Julião.

O seu relatorio é judicioso, e os alvitres, que contém, estão de accôrdo com as apuradas circumstancias do Thesouro.

Não ha fundamentos para impugnar os melhoramentos propostos, porque além das vantagens especiaes, não lhes falta as da economia.

O conhecimento, que temos dos nossos pharoes, tanto pelos havermos examinado do mar, como pelas visitas que já fizemos ao da Torre de S. Julião, e ao de Nossa Senhora da Luz na costa do Porto, animou-nos a ajuntar os nossos bons desejos aos do Sr. Silveira para que se melhore este serviço.

Estimaremos que o Sr. Fradesso continue na primavera a sua inspecção, e rogamos-lhe que não desanime na importante tarefa de que se encarregou, pois que é impossivel que se não comece a prestar a devida attenção, não só a esta, mas a muitas outras commissões scientificas, que forçosamente se devem emprehender para que a civilisação principie a ser uma realidade em a nossa terra.

—

192 *Illm.° e Exm.° Sr.* — Em virtude da Portaria expedida pelo Ministerio da fazenda em 7 d'agosto do corrente anno, comecei no dia 14 a inspecção dos pharoes. Visitei primeiramente o da Torre de S. Julião, que é fixo, e tem 12 candieiros de 2 bicos. Este pharol está em pessimo estado. A lanterna acha-se consideravelmente arruinada; os espelhos são máus e estão muito estragados; os candieiros (de torcida chata e uma só corrente) são do systema mais antigo, e reprovado por todos, e os caixilhos, em consequência da lanterna, ficam muito separados, de modo que deixa de ser aproveitada uma grande parte da luz.

Á vista destes defeitos não se póde deixar de dizer que é urgente estabelecer em S. Julião um novo pha-

rol, cuja lanterna deverá ter, segundo me parece, mais cinco ou seis palmos de elevação. Julgo tambem que será conveniente aproveitar esta occasião para estabelecer entre nós o primeiro *pharol lenticular*, por que o augmento de despesa, não é consideravel, e fica largamente compensado pela economia do azeite, e pela superioridade da luz.

Se o pharol da Torre de S. Julião estivesse em estado de continuar a servir, como o da Guia, das Berlengas, do Cabo da Roca, etc., eu não acharia que o governo portuguez devesse seguir o exemplo do governo francez, que tem mandado estabelecer mais de cem pharoes lenticulares em logar dos antigos pharoes de espelhos, que eram tão perfeitos como os nossos, ou ainda melhores. Não acharia conveniente, repito, que o governo fizesse essa substituição porque não a considero tão urgente como a necessidade que temos de fazer economias. Neste caso porém, sendo indispensavel estabelecer um novo pharol, e n'um ponto tão importante como é a entrada da barra, acho mais razoavel comprar apparelho lenticular, que póde não custar muito mais caro, e que além disso tem a vantagem de consumir muito menos azeite. Esta vantagem percebe-se facilmente, porque um só candieiro de Carcel, (ainda mesmo dos que teem torcida quadrupla, como os de Arago e Fresnel) consome muito menos azeite, do que 24 bicos dos candieiros de torcida chata, que se accendem todas as noites na Torre de S. Julião da Barra, ou 16 bicos de Argand, como os da lanterna de Nossa Senhora da Guia.

Os pharoes catoptricos teem ainda outros inconvenientes porque os espelhos metallicos absorvem metade da luz incidente, pesam muito, e exigem um cuidado particular na limpeza, que nem sempre é sufficiente para evitar a sua deterioração.

Estes defeitos não se encontram nos pharoes lenticulares, em que o pezo do apparelho é muito inferior, e a perda de luz incomparavelmente menor, sobre tudo nos apparelhos catadioptricos.

É por estas razões que a Inglaterra, a Suecia, os Estados-Unidos etc. teem comprado á França em poucos annos mais de 40 pharoes dioptricos, ou catadioptricos; e é tambem por essas mesmas razões que eu desejo que se colloque um pharol lenticular de 4.ª ordem na Torre de Julião, e que se compre um apparelho de Fresnel para cada pharol novo, que tenha de se estabelecer, conservando-se porém os antigos, em quanto não fôr urgente substituil-os por outros.

No dia 15 d'agosto inspeccionei o pharol de Nossa Senhora da Guia. Este pharol é fixo, e tem 16 candieiros de Argand com grandes espelhos parabolicos. A lanterna é octogonal, tem 4 ventiladores, os seus caixilhos são de bronze, ligados entre si por grandes varões tambem de bronze, e é sustentada por barras de ferro, que se apoiam na parede exterior do edificio.

Só achei neste pharol o inconveniente de não ter communicação interior para a casa do pharoleiro, o que póde prejudicar muito o serviço.

O pharol do Cabo da Roca está em bom estado. A lanterna é tambem octogonal, tem 8 ventiladôres, e 16 candieiros com reflectidôres parabolicos.

O pharol da Roca tem movimento de rotação — a machina é muito simples, e apenas exige alguns reparos do que dei parte ao director dos pharoes.

O guarda-raio da Roca está em máu estado e em má posição. O mesmo acontece, segundo me consta, na Torre do Bogio, nas Berlengas, e em todas as lanternas que teem guarda-raios. O perigo em que ellas se acham é grande; o guarda-raio mal collocado póde produsir resultados funestos: um corpo conductor que chama o raio, e que não communica livremente com a agua nem se ramifica para destribuir o fluido electrico pela massa de corpos tambem conductores, é sempre um instrumento temivel, que provoca a desgraça, e não póde evital-a.

Sendo este objecto summamente importante, participei o que acabo de referir ao director dos pharoes, e julgo que se tracta de remediar d'algum modo estes inconvenientes. Consta-me tambem que está feito o orçamento para um novo pharol no Cabo de Santa Maria. Para este, e para todos os pharoes novos, eu proponho o systema lenticular; não sei qual é o systema que o orçamento propõe, mas tenciono faser conhecida ésta minha opinião, porque tenho em meu favor o exemplo das nações mais civilisadas, e o apoio de todos os principios da sciencia.

Quando o serviço a que sou obrigado na Eschola Polytechnica, como lente, e membro da junta administrativa me deixar tempo para continuar a inspecção, darei parte a V. Ex.ª do que fôr vendo.

Deus guarde a V. Ex.ª — Lisboa 27 de dezembro de 1847.

Illm.º e Exm.º Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda.

Joaquim Henriques Fradesso da Silveira

Lente da Eschola Polytechnica.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A GAFEIRA DO GADO LANIGERO.

(Conclusão).

193 Disse-se já que a gafeira é contagiosa, e que o estrago, que faz no gado lanigero, provém o mais das vezes da sua communicação ás rezes sãas: deste modo os meios de preservar do contagio, no primeiro impeto da doença, devem merecer attenção particular: — e o lavrador, que não quizer vêr todo o seu rebanho preza do flagello, ha de, antes de tudo, occupar-se das diligencias, pelas quaes salve o maior numero: pois a molestia da primeira vez é quando se generalisa menos; e depois de assim acautellado, voltar seus cuidados para as doentes.

Os preservativos são portanto o primeiro passo a dar para atalhar a gafeira: os seguintes e experimentados conselhos, temos nós pelos mais providentes e salutares.

1.º — Se a molestia romper em rebanhos de lavradores visinhos, é preciso evitar toda a communicação, por pequena que seja com taes rebanhos. Para esse fim desviar-se-hão dos pastios, onde elles andarem; e nem pelos caminhos, por onde elles passarem, se devem levar; porque o virus pega-se facilmente ás hervas, ao pó e pedras das estradas, e conserva, mesmo depois de dias, força bastante para contagiar. É conveniente que se não deixem chegar ao rebanho são, quaesquer pessoas que estivessem com os rebanhos inficcionados, como são pastores, carniceiros, compradores, curandeiros etc., ou animaes que de ordinario acom-

panham esta qualidade de gado; — que haja o maior escrupulo, em que o fêno e mais alimentos não tenham vindo de sitios proximos das rezes doentes; sabendo-se que nas feiras apparece algum lavrador com cabeças do seu rebanho doente, para vender, os outros fujam de lá ir com as suas rêzes; mais val perder a occasião de uma venda feliz, que expôr-se a voltar de lá com o rebanho infectado. Cautella não menos prudente deve ter aquelle que no mesmo logar queira prover-se de mais cabeças, apezar do baixo preço porque lhas vendam; da apparencia do seu estado de saude; e das fianças ou protestos do proprietario, porque este póde enganar, ou estar illudido, visto que a gafeira, como quasi todas as molestias eruptivas, tem um periodo latente de *incubação* de tres a quatro dias, — durante os quaes nenhum symptoma ha sufficientemente pronunciado que a possa testimunhar, — e que a venda póde, por fatalidade, ser effectuado n'um desses dias.

2.° — Estando a molestia já com o rebanho, é preciso logo apartar as rezes doentes para sitio distante, o mais que se puder, e ahi pô-las em lazareto por espaço de nunca menos de tres mezes; porém as rezes, assim sequetradas, não devem abandonar-se, porque com pouco trabalho muitas se salvam; além disso bom é, por um tratamento singello, attenuar alli o contagio, para se não aggravar mais e mais, e crear maior virulencia. — Por isso é conveniente que o lazareto seja em situação alta, bem ventilada, e espaçosa, de maneira que os doentes estejam á vontade. — Quando não é possivel dispôr de uma casa com estas condições, é util que o lazareto se faça nas pastagens: escolhe-se para isto o logar menos batido dos ventos, e n'elle se constroe uma alpendrada, ou melhor uma arribana, com um tapume levantado sobre o lado do vento dominante, com o fim de servir de resguardo do relento e frio dos montes ou dos calores do dia. — Todavia é esta uma providencia, de que o lavrador não usará, senão quando não tenha outro recurso.

A economia, e a cura do maior numero exigem, que aquellas rezes, que logo no principio enfermarem gravemente, sejam mortas, e se enterrem em covas fundas, cobrindo-se depois com pedras e tôjo, para evitar que os cães as vão desenterrar. — As camas do lazareto devem renovar-se a miudo, as estrumeiras queimadas, fumigando-se com chloro, pelo processo de *Gyton de Morveau*, fazendo comtudo sahir primeiro os doentes.

A similhança que parece haver, entre a gafeira e as bexigas da especie humana, relativamente ao aspecto, crescimento e sécca, modo de propagação, tanto por contagio, como por inoculação, e finalmente á circumstancia especial de que ambas não atacam o mesmo individuo mais do que uma vez na vida (na maioria dos casos), infundiram em muitas pessoas opinião de as julgarem identicas.

Com o fim de vêr até que ponto esta opinião se deveria reputar verdadeira, tentaram-se experiencias, partindo-se do principio, que se fossem como a simples observação inculcava, uma devia preservar da outra em ambas as especies, humana e lanigera. Inoculou-se com effeito o virus da gafeira no homem, e o pus variolico em varios carneiros; porém os resultados não corresponderam ao que se esperava: em meninos inoculados com a gafeira, houve apenas uma leve inflammação á roda das cezuras, que se dissipou ao cabo de alguns dias, sem ter precorrido curso algum regular; não creou pustulas; não teve suppuração, nem o geral da economia demonstrou ressentimento. Repetiu-se a inoculação nos mesmos meninos, e sempre foi constante egual nullidade de effeitos. — Foram depois vaccinados, e a vaccina pegou e desinvolveu a molestia tão regular e efficaz, como se preliminarmente não houvessem sido submettidos áquella operação.

Por outra parte, nem o virus vaccinico, nem o pus variolico enxertados em carneiros deram melhor resultado; naquelles mesmos, em que pegou a inoculação, e appareceram com um tal ou qual simulacro da doença, ganharam-na depois com a mesma accessibilidade, habitando entre rezes gafas, como se não tivessem sido inoculados.

Podia objectar-se contra os rezultados destas experiencias, duvidando da boa qualidade do virus empregado; mas similhante duvida cessa, porque os experimentadores tiveram o cuidado de lhes tirar a prova, com a inoculação nas especies a que respeitam: assim a vaccina, que não salvou os carneiros de adoecerem da gafeira, produziu em meninos optimamente a variola; o virus da gafeira, que não destruiu a acessibilidade da especie humana ás bexigas, desinvolveu em carneiros a gafeira regular e no mais desejavel grau de preservação.

É pois certo, que o enxerto do virus gafo não destroe, como faz a inoculação vaccinica, a aptidão da especie humana a contrahir as bexigas; e — viceversa — que a variola não evita do gado lanigero a gafeira: um virus não é preservativo do outro, e desde então não é possivel admittir — *identidade* — entre uma e outra doença.

Estas considerações, apezar de um tanto fóra do meu objecto, de proposito aqui as puz para desfazer os receios, que muita gente tem de contrahir — as bexigas — por mera relação com rebanhos gafos, pois acreditam na possibilidade da transmissão da variola dos pastores aos rebanhos, e da gafeira d'estes aos pastores como o — *cowpox* — das vacas se póde transmittir aos vaqueiros no acto de as ordenhar.

A enxertia do virus gafo foi mais bem succedida nos lanigeros, e d'aqui se prevaleceu, imitando a grande descoberta do Doutor Jenner, para livrar os rebanhos do gado miudo da gafeira natural.

Assim como a vaccinação, a inoculação da gafeira não cura, nem rigorosamente preserva os rebanhos desta molestia; mas tem a vantagem de, fasendo-os adoecer della, com benigno e suave rompimento e sem nenhum risco, livra-los de adquirirem, por contagio ou spontaneidade, a mesma molestia desastrosa e mortifera, como é quasi sempre, quando é natural; por quanto está provado pelos calculos de experiencias feitas em milhares de individuos, que a mortalidade das rezes inoculadas é de 3 para 400, sendo pelo contrario a de $\frac{4}{5}$ na gafeira espontanea. — Com a inoculação tem o proprietario todo o seu rebanho prompto e precavido contra a destruição inevitavel da gafeira natural, no espaço de um mez ou quarenta dias; quando se este lh'a apanhar, não se vê livre de despezas e cuidados, senão ao termo de quatro, cinco e ás vezes oito mezes. — Com a enxertia póde qualquer lavrador escolher a estação mais favoravel, a edade das

suas rezes mais conveniente e o estado de saude menos melindroso, para ser bem succedido; quando a bexiga natural não respeita nenhuma destas considerações.

Em fim o lavrador, que tenha o seu rebanho já enxertado e o enxerto haja surtido bem, póde affoitamente conduzi-lo ás partes, que quizer, feiras, pastos etc., onde lhe convenha sem perigo de que a molestia, que andar grassando pelos de seus visinhos, se lhe pegue.

Processo da inoculação. — A menos que o contagio não ande já por alguns povos visinhos, o lavrador deve esperar pela primavera, ou outomno ou por tempo sereno, para inocular o seu rebanho; porque os grandes calores, como os grandes frios, aggravam a febre e transtornam a crise da erupção dos botões. — Em todas as edades, sendo as rezes saudaveis, surte bem o enxerto; mas a experiencia aconselha, de preferencia, a edade de um anno, e até de menos se tem visto cordeiros ficarem preservados — É prudente não operar nas rezes gravidas, ou nas que andarem doentes, salvo se a iminencia do contagio for tal, que não haja tempo a perder. — Convem advertir, que os cordeiros não ficam precavidos contra a molestia, por inoculação das mães, quer seja quando os andam creando, quer seja quando os trazem no ventre; e por isso cumpre acautella los do mesmo modo que as outras rezes. — O lavrador deve, ainda quando o contagio lhe tenha entrado no rebanho, enxertar no mesmo instante as que não houverem enfermado: a experiencia nenhum inconveniente descobre nisto, por quanto, quando mesmo algumas dellas já tenham fermento, a operação não lho enraivece mais. — É porém inutil o enxerto nas rezes, em que a molestia natural é manifesta.

Para enxertar qualquer rebanho, póde o lavrador munir-se indistinctamente de virus recente, ou antigo: o primeiro é tirado ordinariamente de uma ou mais rezes, em que a molestia se desenvolveu com benignidade; o segundo é o que se arrecadou em vidros, ou melhor entre laminas de vidro, lutadas ou cubertas com cera.

Para extrahir o virus, tanto o que ha-de servir no momento, como o que ha-de guardar-se, convem saber escolher os botões, — conhecer o tempo da sua sazão — sabe-lo tirar e não o confundir com o pus, que pouca virtude tem. — Os botões, que forem mais grados e circumscriptos, são os melhores para o effeito; e conhece-se que estão maduros, quando o circulo vermelho está desvanecido, e appresenta no cimo, um centro molle e branco; pica-se então neste sitio, rasgando lhe a pelicula, que logo começam a ressumar algumas gotas de serosidade limpida, que é o verdadeiro virus, distincto do pus, porque este é branco e opaco. — Nelle se molha o bico da lanceta, ou de uma agulha, que tenha um rego, como as verrumas, e depois se transporta para as laminas de vidro, ou para os animaes.

Qualquer das partes, em que a lãa é rara e a pelle fina póde eleger-se, para sitio do enxerto: taes são, debaixo do ventre, — face interna das coxas e mãos, — debaixo da cauda, e mesmo nas orelhas; mas prefere se o primeiro ponto, por ser o que sofre menos contacto nos movimentos.

O enxerto pratica-se, fazendo uma incisão ou belisadura com a lanceta molhada no virus, entre a epiderme e o derma da pelle, de maneira que esta não seja atravessada: o numero das incisões varia de uma até seis.

As rezes inoculadas não requerem grandes cuidados, deixam-se ir ao pasto se o tempo está bom, e á noite recolhem-se ao aprisco; ou, se deverem pernoitar no campo, deve o cancelame ou bardo fundar-se em sitio baixo e abrigado, onde haja algum anteparo, que corte o vento.

Sendo bom o virus e o enxerto bem praticado, no fim de tres ou quatro dias, os botões costumam romper, mas se tardarem até aos oito, é signal, que não pegou, e neste caso convem repetir a operação. — Os botões enxertados sahem pelo commum ao pé das cezuras, e pelo resto do corpo só apparece um ou outro; comtudo algumas veses nascem mais juntos; a febre é pouco de recear, — e em geral a molestia precorre todos os seus periodos, com a maior benignidade.

Não obstante dão-se alguns casos do inverso, quasi sempre provenientes de incuria no trato, má escolha do virus, ou na imperfeição da operação, os quaes por isso não devem desacreditar um recurso, que, para fallar francamente, é o unico, que com maior segurança e menos dispendio, se póde oppôr ás devastações da gafeira.

Os nossos lavradores muito teem a ganhar, se se derem ao pequeno incommodo de experimentar esta utilissima pratica, acostumando-se a inocular as suas crias, como o estão a mandar vaccinar seus filhos.

E quanto proveito e prazer d'alli lhes virá, vendo que uma praga, que olham sem remedio, e que lhes rouba por anno cincoenta cabeças e mais, reduzir-se á decima parte! — Tudo está em começar, porque os bons rezultados, ham-de depois inspirar-lhes o interesse da continuação.

Se a minha opinião podesse ter pêso neste assumpto, diria que o melhor meio de generalisar nas provincias esta importante providencia, seria o de commissionar em épochas competentes alguns veterinarios com o fim de percorrer os concelhos, e ahi convencendo os lavradores com instrucções sôbre o objecto, convencel-os a deixar operar os seus rebanhos. — Este meio tinha a vantagem das experiencias sahirem bem feitas, attento o conhecimento das pessoas, que as praticarem: o que influe muito para os seus bons resultados: ¿ quantas innovações teem grangeado detractores entre nós, só porque a sua primeira applicação foi mal succedida? — Os veterinarios, que se enviassem, podiam ser alguns dos que actualmente servem nos corpos de cavallaria do exercito, ou professores mesmos da Eschóla Veterinaria, visto que por ora carecemos de veterinarios civis ou municipaes. Não vejo nisto inconveniente. — Seria bom até que não só para este caso, mas para atalhar as epizootias dos nossos gados, as camaras requizitassem veterinarios para lhes acudir no perigo, e prescrever os preceitos de o evitar. O contrario não tem desculpa: — termos uma Eschóla Veterinaria, haver já alguns veterinarios, e as rezes de toda a especie a morrer aos bandos, e os lavradores com socratica resignação a deixa-las ir, e os benzilhões a especular com a credula ignorancia, fazendo tanto damno como a propria praga, e não haver ninguem, que ponha cobro a tal desleixo, é realmente indisculpavel!

I. J. Ferreira Lapa.

CURSO DE NUMISMATICA.

194 Foi com muito gosto que recebemos a boa nova de que ía começar de novo o mui proveitoso curso de Numismatica, publico e gratuito.

Não ha louvores que bastem, para tributar ao Sr. Andrade, pela assiduidade e desinteresse, com que já deu uma prova cabal da justiça com que é tido, por mui versado, em materia de tanta monta.

Começára o Sr. Andrade o seu segundo curso com o intento, de que podesse utilizar a quem não fosse ouvinte do anno anterior; mas parece que á vista do limitado numero de pessoas, que estão n'esse caso, continuará no empenho de analisar as variadas series de medalhas, que fazem parte do riquissimo monetario, que serve de thema fecundo ás suas prelecções.

Lastimamos, como todos os cultores dos estudos historicos, que não haja mais concorrentes, para se aproveitarem do muito que na materia póde ensinar o Sr. Andrade.

Para que diminua a gravidade deste mal seja-nos permittido fazer um reparo, que porventura não virá fóra de proposito.

A hora das prelecções parece-nos não ser a mais propria. Das 3 horas para as 4 da tarde muitos, como nós, ainda estão trabalhando para ganhar a sua vida; e outros estão intertidos na mais abundante refeição do dia. Uma hora escolhida, ao começar da noite, talvez facilitasse muito a propagação do estudo de uma sciencia, que tem mui variadas e uteis applicações. Sabemos que não falta quem, como nós, deseje a alteração proposta.

Seja qual for a conta em que a tomem, aproveitamos gostosos a occasião de juntar o nosso debil brado ao de outros jornaes, para louvar o Sr. Andrade.

PARTE LITTERARIA.

O PRESO. *

VIII.

195 Triste coisa é ser pae na desventura!

Lembra-me de ouvir dizer a um prégador, apontando para os santos da nossa freguezia... « aquellas coroas são de gloria e de martyrio » — Nem só na vida dos bemaventurados o prazer anda junto com a dor!

Mal cuidava meu pae, quando a minha felicidade augmentava a sua, que no fim da existencia, chegado á beira da sepultura, havia de ter que levantar o filho do abatimento da desgraça!

Não o lamento eu só.

As suas lagrimas mais de uma vez teem comovido estes corações endurecidos!

Ainda hoje ouvi dizer « Pobre velho... hade dar cabo de si com os trabalhos do filho! »

¡Ai! de mim, se esta compaixão fôra um triste presentimento!...

¡Meu Deus como a vida é curta para o padecer!

Por mais aguda que seja a dor, sempre ao cabo póde vir outra maior!

Acertadamente se diz, que Deus nos não dê o mal com que o corpo póde. Mas ainda assim, em tão poucos dias, teem sido tantos os soffrimentos, que já me assusta a desgraça!

Até me faltam as forças para imaginar, que me posso achar a sós no mundo com a minha triste sorte.

Essas palavras, que ouvi, fizeram-me esquecer a causa, que mais atormentava meu pae. — Foram como um espinho, que se me cravou no coração.

Fiquei inquieto depois que elle me deixou.

Só agora me pude tirar da janella.

Soffocava-me a afflicção em que tenho estado.

O corpo parecia querer sahir pelas grades juntamente com a alma.

Não sei porque, mas um braço que eu ponha ao ar, é um allivio para o desgosto continuado em que vivo.

Vejo que todos são como eu. Os presos apinham-se perto das janellas, arrimam-se ás grades, como a ave na gaiola em que a prendem. Durante o dia não ha tiral-os d'ahi.

E quantos mysterios de remorsos e de saudades se não passam n'aquelles corações.... Como se hão-de imaginar, se nem o rosto os sabe traduzir!

A perda da liberdade cobre todas estas caras com um veu tão espesso de tristeza, que atravez d'elle não se percebe a lucta dos affectos que se deve passar na alma.

Foi por este motivo, que meu pae não deu pela commoção que se apoderou de mim, quando, na maneira como o lastimavam, eu descobria possibilidade de soffrer ainda mais! Bem sei o que lhe custa ver-me sempre tão triste

Quiséra mentir-lhe ás vezes, com um sorriso, mas não posso. Por mais que elle me diga « Filho, tem animo... não te deixes assim desamparar pela esperança. » Tudo é debalde.

Já não sei sorrir desde que as dores da alma me fazem chorar tanto a miudo.....

Tambem elle hoje chorou ao contar-me o desengano, que lhe dera a advogado. Os meus rogos não o poderam animar. Parece-me que me occulta algum segredo

Se o advogado se recusa a continuar o meu livramento porque já lhe não podemos pagar, ¿como diz meu pae que ainda se daria remedio

* Vem do n.º 9.

a isto, se elle tivera forças para tomar uma resolução? Em que pensará!

Não temos que vender, e a charidade, que mal sustenta meu pae, como lhe hade ministrar meios, para continuar as despesas do processo!

A falta do advogado não a sinto eu tanto como elle, que só a verdade me poderia defender, se os meus juises intendessem tambem o seu similhante, como intendem os livros.

Creio, que alguns haverá, que saibam comprehender o coração, mas não estão em tal caso os que me teem interrogado. Confesso, que não intendo, nem posso intender destas coisas, mas parece-me, que para ser juiz, é mister saber muito. E talvez conviesse estudar tanto nas aulas como aqui.

Quando me levaram a perguntas não esperava que me interrogassem desse modo.

Todas as perguntas, que me fizeram, traziam a intenção de me criminar.

Parecia que no banco dos réos não podia sentar-se um innocente.

Assim, é mister um advogado, que esteja costumado áquellas subtilesas, e que saiba desviar o accusado dos laços, em que o juiz o quer prender por força.

Notei o mesmo em outros interrogatorios, que tenho presenciado.

Ha sempre prevenção da parte do juiz.—Não tractam de salvar um innocente, querem a todo o custo castigar um criminoso.

Agora comprehendo a afflicção de meu pae. Mais experimentado na vida, do que eu, sabe de prompto reconhecer, o que só a reflexão me ensina. O que não terá hoje soffrido, se até veio perder aqui essa esperança, que ainda punha no advogado, que a Relação me havia de nomear.

¿Para que haviam dos meus companheiros de infortunio dizer-lhe o que aprenderam na triste experiencia da sua desventura?

Tambem não creio tudo quanto elles dizem.

Os letrados novos, que são os que mais se prestam ás defezas, nem sempre são felizes na estrêa.

¿Mas será possivel que alguns letrados de fama se esquivem a tão honroso encargo, ou procurem empenhos para que os não nomêem?

Então como a causa de um pobre preso lhe não póde ganhar a reputação, que já possuem, não hade a caridade, o amor do proximo ter mais força do que a vaidade!

Para este crime é que devia haver um castigo bem severo. Era facil de provar. Seria uma acção solemne da justiça, fazer descer o orgulhoso do pedestal de ouro, em que a fortuna o collocára, para se cobrir de opprobrio, vendo-se no fundo de uma enxovia, desamparado até por esses desgraçados que encontrou no caminho da vida, vergados com o pêso da dôr, e aos quaes não prestou o auxilio que lhes pediam como uma esmola! (*Continúa*).

BRINDE POETICO.

Recebemos com a maior satisfação a *Ode*, que o Sr. Mendes Leal dedicára ao Sr. Malhão, já por nós conhecido como um dos mais aprimorados cultores da poesia nacional. Constou-nos que havia uma resposta digna de tão inspirada saudação. Para a obtermos, empenhámos com o Sr. Mendes Leal, o valimento de antiga e nunca desmentida amisade. A sua louvavel modestia resistiu por muito tempo, mas era uma desventura para a REVISTA o ficar assim privada de receber nas suas columnas o poeta que o Sr. Leal tinha tido a fortuna de abraçar. Em fim cedeu á força destas razões, e aqui lhe agradecemos o havernos dado occasião de junctar assim dois genios, que Deus fadou para honrarem a nossa patria.

AO ILLM.° E REVDM.° SR. FRANCISCO RAPHAEL DA SILVEIRA MALHÃO.

196 Ao mavioso cantor, illustre herdeiro
D'uma esplendida lyra,
Sauda curvo e humilde um forasteiro
Que respeitoso o admira!

Tu excitas o transporte,
Eu sou simples trovador;
Mas fez nos irmãos a sorte
Que nos deu o mesmo amor:
Deixa pois que o perigrino,
Bem dizendo o seu destino,
Teus umbraes logre passar:
O rico ao pobre consola;
Do teu espirito a esmola,
Como pobre, vou buscar.

Salve, nobre cultor d'um nome illustre,
Que de loiros revestes;
Tu mudas, sobre as glorias do passado,
As palmas em cyprestes!

Além do valle e do monte
Teu canto n'alma senti;
Cuidei que era Anacreonte,
Julguei que ouvia Parny:
Via-te a fronte ellevada
Tocar nos céus, inspirada:
Vi-te explorar, grave e só,
Essas ruinas tamanhas
E, como o rei das montanhas,
Bradar-lhes: «Erguei-vos pó!»

Foi teu berço, é teu leito (Oh! que has de amal o!)
A veiga florescente:
O monarcha da serra é teu vassallo,
E Deus teu confidente!

Quantas vezes, inclinado
Nos partidos bastiões
Terás tu interrogado
Segredos de gerações?
E, quantas mais, escutando
O sueste, sussurrando
Pelos rendados maineis,
Terás chamado a memoria
Vinte seculos de gloria,
E oitenta raças de reis!

Oh! que bello hade ser, em pé, na crista
Das torres seculares,
N'um relance, abraçar, cingir co'a vista
O campo, os céus, e os mares.

Alvos lyrios do poeta
Que de coisas não dirão!
Que brando affecto a violeta!
Que negra magoa o chorão!
Como as nevoas matutinas,
Sobre o calix das boninas,
Mil diamantes irão pôr,
Tornando d'esta maneira,
Uma flor cada balseira,
Uma estrella cada flor!

Tu indagas do tumulo os segredos
E com elle discorres
Quando ao luar vacillam nos rochedos
As arestas das torres!

N'essa hora de misterios
E de vago meditar,
Vida e morte dos imperios
Vais na pedra decifrar.
E se, farto já d'estragos,
Ergues o rosto aos afagos
Da nocturna viração,
Vais findar, co'a voz, que incanta,
Nas endeixas uma planta
A historia d'uma nação.

Tu disfructas e intendes, tu revellas
Essas magicas scenas
Tu nasceste e criaste-te com ellas;
São as tuas camenas!

As magestosas ameias
Dos fragosos alcantís,
E as planuras, todas cheias,
De topazios e rubís;
Ora o collosso na altura;
Ora o arroyo, que murmura;
Ora negros os portaes
Pelas cinzas dos Fronteiros,
Ora os plácidos oiteiros
Aljofrados de cristaes;

Tudo isto é teu — assim a rocha austera
Como o campo esmaltado —
Deu-t'o o genio do êrmo: é teu: impéra
No que o genio te ha dado.

Teu espirito domina
Sobre os rotos coruchéus;
E da esm'ralda da campina
Se arremeça livre aos céus:
Quem tal goza e tanto sente
No passado e no presente
Póde acaso d'um mortal
Attender o voto insano?
Póde: um vate é sempre humano
Mesmo n'esse pedestal.

Quinta do Jardim — juncto a Ohidos
25 de dezembro de 1847. *Mendes Leal.*

AO ILLM.º SR. JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL.

197 Avulta muito mais que ser herdeiro
D'alguma illustre lyra,
Creál-a, como fez o forasteiro,
Que a patria assombra, e admira.

O mundo lê com transporte
Bellezas do trovador:
Não somos iguaes na sorte,
Se temos o mesmo amor.
Porém venha o perigrino
Adoçar o meu destino
O tempo que aqui passar:
Quem os enfermos consola,
Não lhes dá pequena esmola,
Vem trazer, não vem buscar.

Ó tu, que a poezia tens honrado,
E fecundo a revestes
Das gallas do presente, e do passado
De rozaes e cyprestes:

Tu és o Albano do monte
Pelo arrabil que senti,
És o luzo Anacreonte,
Vences o gallo Parny:
Póde tua alma ellevada,
Essa voz sempre inspirada
Recrear o mundo só.
Com faculdades tamanhas,
De cima d'estas montanhas
Que vês tu? Mesquinho pó.

Quem póde conhecêl-o, e não amál-o
Esse genio virente!
Do rei da lyra és inclito vassallo:
Que disse? És confidente.

Inda joven, inclinado
A valentes bastiões,
Tambem tens interrogado
Arcanos das gerações.
E o pensamento escutando,
Que n'alma vai susurrando,
Ao descer, junto aos maineis;
Te diz juizo, e memoria
— De que serve humana gloria?
Acabam povos, e reis!

Vê mais do que se vê aqui da crista
De muros seculares
Quem tem os grandes quadros sempre á vista
Da que ja regeu mares.

Esses quadros ao poeta
Maiores coisas dirão,
Do que dizem a violeta,
E o dobradiço chorão,
Ou as nevoas matutinas,
E as delicadas boninas
Onde o orvalho se vem pôr:
É sempre humilde, e maneira
A inspiração da balseira,
E da compesina flôr.

Da linguagem conheces os segredos:
Quando fallas, discorres,
Apoz ti, como Orpheu, levas rochedos,
Feras, arvores, torres.

A natureza misterios
Não veda a teu meditar,
De seus tres vastos imperios
Ouzas tudo decifrar.
És grande, pintando estragos,
Tomando a voz dos affagos,
Lizongeira viração:
Brilhas, delicada planta,
No sólo d'esta nação.

De Racine, de Dumas tu revellas
Aprimoradas scenas,
Um renome immortal ganhas com ellas
E são tuas camenas.

Alli levantas ameias,
E figuras alcantís,
E appresentas fadas cheias
De topazios, e rubís,
Torriões d'immensa altura,
Dôce rio que murmura,
Ja carcomidos portaes,
Fieis, valentes fronteiros,
Castellos sobre oiteiros,
Nos rios puros cristaes.

Alli, com voz suave, e voz austera,
A si proprio esmaltado
Se tem — como em conquista aonde impera —
Genio que o céu te ha dado.

Alli manda, alli domina
Sobre altivos coruchéus,
Alli bafos de campina,
Alli tem sopro dos céus:
E quem seus effeitos sente,
As vivas scenas presente,
O julga mais que mortal:
Mas, ah! perdão! Quiz insano
Pôr um genio mui humano
Sobre fragil pedestal.

Ao bardo, a quem o céu dê nobre herdeiro
De tão suave lyra,
Offerece o seu lar de forasteiro
Quem o respeita, e admira.

29 de dezembro de 1847. *Malhão.*

O DR. CLAUDIO MANOEL DA COSTA. *

198 Na mesma collecção se depara outra ode ainda mais bella que esta; o auctor contempla a urna que encerra as cinzas de Alexandre, rodeada dos seus capitães, que pranteam, e d'aqui toma materia para descorrer sobre a futilidade das grandezas humanas, sobre a rapidez com que passam as prosperidades da vida, e junta elegantemente a força dos pensamentos com o poetico da expressão.

ODE.

Cercando a urna de oiro
Eu vejo os capitães do forte Grego,
Á fria sombra me avisinho, e chego,
Observo o murcho loiro,
Na descorada testa;
Nada do antigo resplendor lhe resta,
Mal da languida mão de industria preso,
Cae, ou pende do sceptro o inutil peso.

Se serás de Philippe
O vencedor herdeiro, aqui pergunto;
Deixa que o mundo a teu cadaver junto
Este aviso antecipe;
Elle não póde crer-te,
Se hoje Olympias por ti lagrimas verte;
Aonde estão os grandes, onde as glorias,
Com que a patria te honrou, tantas victorias?

As legiões distantes
Aos limites da terra verdadeiros,
Nós te vimos marchar entre guerreiros
Esquadrões triumphantes;
Thé aos reinos da Aurora
Levaste o ferro, e a chamma abrazadora;
Mas desde o Indo, e desde o Idaspe cheio
Voltas de lucto, e a terra te abre o seio.

E que espaço te espera
Do conquistado globo? Acaso a vasta
Extensão do universo? Ah! não, não basta.
A Alexandre que dera
Tanto susto ao Universo,
Que afrontando o terror de Marte adverso
De novos mundos á conquista aspira,
Não basta o mundo todo a erguer-lhe pyra.

De Antartico a Calisto
O ambito se percorra; neste espaço
Se guarde o corpo, e se sepulte o braço
Que a Grecia tem já visto
Nas rapidas campanhas
Tinto no sangue: oh céos! elle ás entranhas
Da terra desce aqui em termo breve,
Sobe o sepulchro, e cobre-o a terra leve.

(*) Vem do n.º 9.

Grandes, que arrebatados
De soberba ambição, levaes a guerra
Ás mais longinquas regiões da terra,
Agora debruçados,
Si é que o pasmo o concede,
Sobre o sepulchro de Alexandre vede
Como eloquente o seu silencio dita
Os desenganos que a rasão medita!

Philosophos de Athenas,
Os porticos deixae, de Themis clara,
Licção mais digna um morto vos prepara:
Da Académia as serenas
Estudiosas horas
Abandonae! Tu que divino foras,
Sabio Platão, se esta doutrina leras,
Como tardas a vir? Que mais esperas?

Mas já dizer te escuto
Á vista do espectaculo funesto,
«Este do Heroe o desgraçado resto?
«Das conquistas o fructo
«Outros a colher correm,
«Se, quentes inda da victoria morrem
«Os dominantes d'Asia! oh! e quão pouco
«Dista o orgulho de um grande, ou já de um louco?

O sabio de Estagira
Deixa que entre, e registe a infausta scena,
Elle é que as honras funeraes ordena
Ao vencedor, que expira,
«Eu te instrui prudente
«Na temperança (diz) hoje presente
«Hoje a meus olhos tu lição mais pura
«Me intimas desde a tua sepultura.

A tropel vem chegando
Os mais que a Grecia nos seus fastos conta,
Aqui Demetrio, alli Metron se aponta,
Philotas está dando
A distinguir seu rosto:
Xenophonte, Solon, Philolau, posto
Cada um sôbre o tumulo feridos
Da penetrante dor lançam gemidos

Tu Philemon famoso
Que do teu general herdaste o lado;
Tu que ao Thraco feroz, ao Scytha ousado,
Disputaste brioso
Se te vejo este dia
Soffocar toda em lucto Alexandria,
Quando cingido de abrazadas luses
Do Augusto chefe o feretro conduzes.

Tu só por derradeiro
Deves alçar a voz ao giro em roda;
Que cevam já teos olhos; pende toda
Junto ao morto guerreiro,
A oficiosa assembléa,
Das humanas grandesas uma idéa,
Principes, vos atterre, estes espectros
Fallam só c'os diademas e c'os sceptros.

Ah! possa um destro engenho
Sobre a campa do Heroe deixar gravado
Sabio letreiro á edade encommendado:
De consultal-o eu venho
Nas aticas fadigas;
«Caminhante aqui jaz, mais não prosigas,
«Que a si todo o mundo viu sujeito,
«Para occupar do mundo um campo estreito.

Além do progresso, e melhoramento do colorido, de estylo, que se observam nestas composições, o titulo de ode, que o poeta lhe deu, basta para indicar que o exemplo, e a doutrina dos Arcades tinha influido não pouco na mente do poeta brasileiro, pois no seu volume não ha odes. Isto torna mais lamentavel o desgraçado desfecho do drama da sua vida, pois nos privou das suas melhores, e mais perfeitas composições. *(Continúa.)*

J. M. da Costa e Silva.

O VIATICO.

Ecce Deus noster iste: accedite ad eum cum vero corde, in plenitudine fidei; dicite in cordibus vestris: Te oportet adorari, Domine.

A ANTONIO PEREIRA DA CUNHA.

199 Do templo vejo as portas descerradas,
Tine o bronze com hymnos d'alegria,
Ao ar rolando vão sacros perfumes,
Canções d'amor se casam, á porfia,
Ardendo dos brandões os froxos lumes.

Ao mortal, que na terra soffre e geme,
No alento já da vida derradeiro,
Pr'a conforto lhe dar no seu terror,
Pão dos Ceus, alimento verdadeiro,
Nas mãos levou ungido do Senhor!

Ver-te baixar, Senhor, dos Ceus á terra,
Com teu sangue a remir o peccador!
Tornar-se Deus, humana creatura,
E vir na cruz soffrer tormentos, dor...
Para em vida melhor nos dar ventura!...

Da fragil creatura desgraçada,
Não póde o coração achar bastante
Largura, desta terra na estreiteza,
Com que possa, Senhor, ser compensada
Tamanha humiliação, e tal grandeza.

O Cordeiro de Deus está guardado,
Que do templo os umbraes além passou,
Da torre o bronzeo som já se não sente,
O devoto cantar tambem findou.
Nem a brisa da noite se pressente!...

Só nós, vibrando a lyra em sons accordes,
Irmãos na crença, e ambos trovadores,
Levantados da terra, em pensamento,
Saudaremos com mysticos louvores,
Jehovah, Rei da terra, e firmamento!

Fevereiro — 6 — 1848.

Ayres Pinto de Sousa.

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS LISBOA

ECCE AGNUS DEI !

To thee, whose temple is all space,
Whose altar, earth, sea, skies,
One chorus let all being raise,
All nature's incense rise!
POPE — *The Universal prayer.*

A AYRES PINTO DE SOUZA.

200 Do templo junto ao vestibulo,
Prostra-se o povo no chão;
Como o fumo do thuribulo,
Dos labios rompe a oração.
Sobe o incenso em novellos
Mais puro, que os alvos gellos
E mais alvo, que os cabellos
Do venerando ancião.

Do cimo do campanario
— Vigia do Sanctuario —
Como a voz do solitario
Que se curva ante o Sacrario
Brada o sino, *devoção!*

As turbas vem, aos cardumes,
Vem, como as ondas do mar...
Cercam as alas de lumes,
Que o pallio vem a cercar!
E d'entre as nuvens d'aroma,
Como um astro, então assoma
Na resplendente rodoma,
O PÃO, que a vida vae dar.

O PÃO, que allivios derrama
No peito, que abraza a chamma,
Que a febre esquallida inflamma,
No peito, que em ancias clama,
Que teme a campa affrontar.

Oh! que scena tam solemne,
Que assim a mente seduz!..
Que voz occulta e perenne
Que a descrença á crença induz!..
E póde o atheu covarde
Vêr entre os rubis da tarde,
Vêr o sol, que em raios arde,
Sem vêr n'elle a ETERNA LUZ?

Não; que o verme pequenino,
E o murmurio vespertino,
Despertando ao som do sino,
Vão librar-se n'um só hymno,
Que se esvae aos pés da Cruz.

Bemdito, SENHOR, tu sejas,
Nos altos mysterios teus,
Quando afagas, ou trovejas,
Rasgando a venda aos atheus!
Que esplendor não se encobre
Aos olhos do rico ou pobre,
Do que vive humilde, ou nobre...
Esse esplendor não tem veus!

Bemdita seja a alegria
Que ao palacio, á choça fria,
Trazes de noite ou de dia,
Na Sagrada EUCHARISTIA...
Bemdito sejas, que és... DEUS!

A. P. da Cunha.

NOTICIAS.

CONCURSO PARA A SUBSTITUIÇÃO DAS CADEIRAS DE MATHEMATICA DA ESCHOLA POLYTECHNICA.

201 O concurso para a substituição das cadeiras de mathematica da nossa Eschóla Polytechnica vae cada vez sendo menos concorrido. Desta feita só appareceu um concorrente, o nosso amigo, e que ainda foi nosso condiscipulo o Sr. João Braz de Oliveira. Da que provirá esta falta?

¿Estará por ventura abandonado entre nós o estudo das sciencias exactas?

¿Será mal pago o magisterio?

¿Terá a Eschola excluido por outras vezes alguns candidatos que lhe podiam ser uteis?

Não deixaremos um dia de resolver estes quesitos que naturalmente se apresentam, vendo que a Eschóla está mui precisada de substitutos para as cadeiras de mathematica, e que já por varias vezes tem sem effeito aberto os respectivos concursos.

O Sr. João Braz de Oliveira é moço mui estudioso, e para nós não precisava para o termos nesta conta as provas que tem dado no presente acto.

ESTREIA DO SR. LOZANO NO THEATRO DE S. CARLOS.

Publicamos com muita satisfação o artigo, que se refere ao Sr. Lozano, porque temos fé no criterio e imparcialidade da pessoa que o escreveu. Quando nos constou que o novo pianista ía dar um concerto, annunciámos o facto o mais favoravelmente que nos foi possivel. Não escrevemos ácerca do concerto, porque não podémos presenceal-o.

—

202 Esperámos até hoje que alguem escrevesse ácerca do concerto, que na quinta feira 27 de janeiro se deu no Theatro de S. Carlos.

Lançámos pois mão da penna, porque nos pesa este silencio, e vamos ennunciar com imparcialidade o nosso juiso a tal respeito.

As próvas publicas são sempre actos apparatosos, não só pela solemnidade de que se revestem, mas tambem pelo grande numero de espectadores que a ellas concorrem.

O individuo, que a ellas se sujeita, ainda que forte de si, pelo valor que inspira a consciencia do proprio merecimento, hade forçosamente acobardar-se na presença de um auditorio numeroso e illustrado: jury respeitavel de quem espera merecer consideração a que suppõe ter jus. O receio porém de que lhe não seja concedida, hade ferir sua alma agitada, pungil-a pela duvida, e fazel-o soffrer.

BIBLIOTECAS NACIONAIS

Se isto é verdade ainda para os mais experimentados, mais o será para aquelles que, pela primeira vez, vão passar por tão penoso supplicio.

O Sr. Lozano, desejando ha muito fazer-se conhecer como pianista, e conscio do que sabe e póde, affronta todos os receios e offerece-se ás provas publicas. Prepara e annuncia um concerto para o Theatro de S. Carlos. Chega o dia, appresenta-se e toca; e o publico imparcial e intelligente acolhe-o com benevolencia, escuta-o com attenção, e applaude-o com repetidos e espontaneos signaes de approvação. Fizeram-lhe justiça.

O Sr. Lozano tocou mui bem. As peças que desempenhou são bastantemente trabalhosas e difficeis, principalmente a fantasia sobre a Somnambula — da composição de Listz. Esta peça, segundo nos affirmam, merece tanto respeito que alguns dos nossos professores se tem recusado a tocal-a em publico.

Temos a lamentar todavia, com magoa o dizemos, que nenhum dos pianos, que teve em vista e pediu, podesse obter. Não receamos asseverar, que se em algum d'elles houvera tocado o joven pianista, o effeito da sua musica teria sido muito mais bello e assombroso.

O Sr. Lozano é já um artista distincto. Reune as condições precisas para ser assim considerado: tem conhecimentos theoricos, grande execução e não lhe falta inspiração Assim o pensamos, porque a musica é ao mesmo tempo uma sciencia e um sentimento.

Nas peças de *bravura* assim como nos *presto*, *vivace e fuga*, a sua execução é rapida e segurissima; os *pianos e fortes*, *os crescendo e diminuendo*, principal colorido da musica; os trillos perpetuos, tocando ao mesmo tempo dois motivos e acompanhamento; a igualdade e força nas volatas; e finalmente as difficeis mudanças de dedos e de mãos, tudo executa o Sr. Lozano com admiravel pericia.

Os adagios toca-os com muita expressão e mimo. A inspiração d'alma que desinvolve, é verdadeiramente poetica, revela bem o dom que recebeu da natureza.

Bisogna forte sentire per far sentire, dizia o celebre Paganini. É esta, a nosso ver, a principal condição do artista, porque a musica sem sentimento, a arte desacompanhada das theorias da esthetica, só produzirão motins harmoniosos, que nos prenderão por momentos a attenção, lisongeando-nos os ouvidos e nada mais.

O Sr. Lozano, com o poder de seu talento, e com o estudo serio a que n'estes ultimos tempos se tem dedicado, soube alcançar um logar honroso entre os primeiros da sua classe. Foi depois que ouviu Listz, que se deu com afinco e cuidado ao estudo do piano.

Tal foi o enthusiasmo e arrebatamento que produsiram n'elle as maravilhas do insigne professor. Desejáramos ter presenciado os transportes do nosso joven pianista no momento de ouvir pela primeira vez o portentoso Listz.

Delile comprasia-se em representar na sua imaginação a Virgilio, no acto de fazer a primeira leitura da Illiada de Homéro, todo cheio da inspiração que acabava de receber, e meditando a sua Eneida. É interessante, é bello, vêr a impessão do genio sobre o genio.

A par do bem merecido nome de artista distincto, gosa o Sr. Lozano creditos de excellente mestre.

Ensina com bom methodo e boa eschola. É por isso que suas discipulas fazem, em poucas licções, rapidos progressos. Algumas tem elle já tocadoras de muita força. Na Philarmonica tivemos nós o gosto de ouvir uma menina, discipula sua, que nos pareceu sobresahir a todas que alli teem executado no piano.

Seja-nos agora permittido tocarmos um ponto, que faz por certo realçar o merito artistico do Sr. Lozano, e muito mais, porque nesta épocha de individualismo e de ambições, olha-se para a miseria de nossos similhantes com barbaro e imperdoavel scepticisme; queremos fallar dos bellos dotes da alma, das suas excellentes qualidades moraes. O Sr. Lozano applica á manutenção de sua familia, a qual consagra muito amor, o fructo das licções que dá. Honra lhe seja. Somos informados que alguem tentára rebaixar o conceito em que geralmente é tido o joven professor. Duvidamos acredital-o. É certo, porém, que o verdadeiro talento traz sempre apoz si uma impertinente multidão de invejosos e maldizentes.

O Sr. Lozano, em todas as salas aonde tocou, foi sempre victoriado, não só pelos individuos iniciados na arte, mas ainda mesmo pelos que, não sendo artistas, tem todavia ouvidos para ouvir, e coração para sentir. Estes ultimos tambem se commovem e arrebatam com as sublimes inspirações do genio.

Não dê o Sr. Lozano consideração aos effeitos da fraqueza e louca vaidade de seus zoilos. Fazem-nos lembrar o dançarino Vestris, quando cheio de si, nos accessos de sua ridicula philaucia dizia: N'este seculo só ha tres homens grandes, eu, Voltaire e Frederico da Prussia.

Concluimos felicitando o illustre professor pela sua bôa estrêa, e desde já lhe augurâmos um futuro prospero e glorioso, se proseguir com ardor e perseverança na brilhante carreira, que tão felizmente tem encetado. Entãe nós lhe applicaremos, em relação a Listz, o que Voltaire disse de Virgilio, em relação a Homéro: *Si c'est Homère qui a fait Virgile c'est son plus bel ouvrage.*

Lisboa 3 de fevereiro de 1848. *S.*

AGUA BARRENTA E ALVARÁS DE FIANÇA.

203 Temos recebido varias observações acerca da agua turva que os habitantes da cidade foram obrigados a beber, em consequencia da repentina e copiosa chuva da semana passada. Não sabemos porque se não evita tão desagradavel inconveniente, tendo a cidade o excellente deposito das Amoreiras, que estando provida a póde fornecer por alguns dias. Deve com tudo haver o cuidado de graduar o deposito de modo que a agua se não converta em agua do poço.

As queixas, que nos teem remettido ácerca da exigencia dos alvarás de fiança, são realmente fundadas. Esperamos que a camara municipal reconsidere uma resolução que não póde fazer cumprir, porque repugna aos principios fundamentaes em que hoje assenta a organisação da sociedade. Lastimamos que em um paiz que já possue duas cadeiras de economia politica se abrisse esta discussão por meio de editaes. Sendo mister não fugiremos do assumpto por que é dos que nos agrada.

A camara augmentaria a confiança que inspiram os

seus bons desejos, e algumas das suas obras se fizer a mui honrosa reconsideração do seu edital sobre os alvarás de fiança.

LOJAS NOVAS.

204 Não censuramos o passado quando louvamos o presente.

A obra do tempo não pára: — caminha sempre.

Entre os melhoramentos que tem aformoseado a cidade de Lisboa, avulta o bom gosto de muitas de suas lojas.

É um erro pensar que o luxo desses estabelecimentos arruina o commercio.

O facto que estamos presenciando, e que ha muito se observa em todas as cidades da Europa, é uma das muitas applicações do fecundo principio da divisão da propriedade por meio da pacifica distribuição das riquezas.

O preço dos productos tem descido, não só pela perfeição dos methodos empregados pelo trabalho, mas tambem porque o negociante é obrigado a contentar-se com um lucro inferior ao que d'antes tirava do commercio. Tirando desse lucro a parte que emprega para embellezar o seu estabelecimento, o qual vae sustentar outras industrias, o seu ganho procura deste modo o nivel do preço do dinheiro.

O que deixamos dito parece-nos provar que se hoje se não podem formar fortunas collossaes, é porque se começa a resolver praticamente o importante problema da extincção dos proletarios.

Perdôe-nos o leitor a prelecção e desenfastie-se do enfado que lhe causaria a sua aridez, indo visitar os logares em que a composemos.

Estamos persuadidos, que nos hade agradecer o conselho.

Comece o passeio pela rua do Ouro, e pare defronte das portas n.os 30 e 31 para gozar o bom effeito da nova loja do Sr. Eustaquio Antonio de Seixas.

A frontaria é toda de marmore, as côres estão combinadas com muito gosto. Olhando para o interior da loja vê-se que fórma um semicirculo: está forrada com riqueza e acerto. O pavimento é de varias madeiras embutidas com perfeição.

A rua do Ouro tem já algumas lojas que se podem ver, mas esta leva a palma a todas.

Os progressos que ultimamente teem feito os nossos ourives, e que já se admiram em muitas lojas do arruamento póde-se analysar pausadamente na loja do Sr. Seixas.

Até o modo attencioso do dono convida para este exame, em que tanto ganha a nossa industria. Tivemos o gosto de vêr algumas obras perfeitas, não só pelo desenho como pelo esmero da execução. Em algumas a pureza do esmalte, e a cravação das pedras rivalisam com o trabalho dos artistas estrangeiros.

Se os nossos ourives continuarem a imitar a perfeição a que em França e Inglaterra teem chegado os seus collegas, poderão tirar partido da vantagem incontestavel, que lhe ministra o subido toque do ouro que empregam. — Se o leitor está seriamente disposto a seguir o nosso itenerario, não lhe esqueça guardar o bilhete da loja, que é um desenho, que a representa perfeitamente.

Depois dirija-se a Rua Nova do Carmo n.º 34 e entre na fabrica nacional de molduras douradas. Se tiver alguns quadros em casa, com pouco dinheiro os poderá meter em molduras de varios gostos. O preço não póde ser mais modico. Na mesma fabrica encontrará em que empregar quantias mais avultadas se quizer comprar as molduras de espelhos, os toucadores e as bancas de estylo antigo, que dão prova cabal do quanto merece ser auxiliado um estabelecimento portuguez, que apresenta obras tam completas. Na mesma rua se abriu um elegante armazem de musica e de pianos pertencente ao Sr. Sassetti e C.ª Vimos nesta loja alguns objectos de gosto vindos de Allemanha.

Entre outros, dous quadros a oleo, que merecem ser admirados: um é o estudo de uma cabeça de velho; e o outro representa um veterano visitando o cemiterio; a expressão do veterano é feliz e contrasta com a figura do coveiro, que lhe fica ao pé. Pareceu-nos este quadro mais bem acabado, do que o outro, que talvez não tenha os acessorios em harmonia, com a verdade do colorido da carne.

A collecção de musica é variada e bem escolhida. Não admira, porque tendo parte neste estabelecimento o Sr. Sassetti, bem conhecido como excelente mestre de piano, é uma boa garantia em favor da nova loja, que não poderá deixar de prosperar. Os nossos desejos é que isto aconteça não só a esta, mas a todas.

PRAÇA DE LISBOA.

9 DE FEVEREIRO

205 Fundos publicos de 5 por cento 54 a 55 — os de 4 por cento 45. As acções do Banco de Portugal 404$000 rs. As acções das Lezirias e da Companhia União são procuradas. Os escriptos admissiveis nas alfandegas subiram a 108 por cento. As acções sobre o fundo de amortisação, sem vencimento de juro, 50 por 100. Desconto de notas 41 e meio por cento.

HOMEM POR GRAÇA DA CIRURGIA.

206 Haverá dois annos, que na Inglaterra, uma dessas fataes explosões das caldeiras das machinas de vapor, que ahi são communs, mutilára um desgraçado ferreiro.

O operario inglez, tantas vezes mendigo pela falta de trabalho, fica um ente bem digno de compaixão, quando por impossibilidade phisica deixa de se poder aproveitar do trabalho, que se offerece em troco de alguns cobres. Mas o pobre ferreiro ficára de tal modo despedaçado, que nem homem parecia.

Um facultativo habil, o Dr. Hembte tomou conta por caridade desse horrivel fragmento de um ser animado. Ao cabo de algum tempo, o saber e paciencia do Dr. ministrou ao seu homem, que assim se lhe póde chamar, um meio de ganhar a vida.

Ao presente, por um penny toda a gente póde vêr em Londres, o ferreiro muito bem sentado, com um olho de vidro, o nariz formado com a pelle da testa, a mandibula de prata, o paladar de gomma elastica, as orelhas da mesma substancia, um amparo no abdomen, e um braço e as pernas de páu.